PODCAST

# TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



## Episódio 09 - Itaperuna Território

*>>>> som de brisa de vento <<<<*

**Samara Costa:** No coração do Noroeste Fluminense, cercada por estradas, fazendas e rios, Itaperuna cresceu recebendo gente de todos os lados. Aqui, a arte não se separa da vida cotidiana. Ela aparece nas festas populares que mantêm a cidade em movimento.

Existe uma força muito própria em lugares que aprendem a criar a partir da festa e do encontro. E talvez seja isso que faz Itaperuna carregar essa sensação de acolhimento: uma cidade por onde muita gente passa… e quase ninguém sai igual.

Dessa vez, a gente chega em Itaperuna pra entender como essa cidade é feita sobre várias influências. Entre o vai e vem de pessoas de outros estados o território vai se desenhando na calma típica de interior, mas que também tem movimento.

Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. E você, vem com a gente nesse corre?

Itaperuna é o maior município do Noroeste Fluminense e funciona como uma espécie de centro de passagem da região. É onde as estradas se encontram, onde cidades vizinhas se conectam e onde muita coisa do dia a dia do interior acontece.

O território mistura comércio forte, vida universitária, produção de confecções e uma circulação intensa de pessoas que vêm de outros estados, principalmente de Minas Gerais e Espírito Santo. Isso faz com que a cidade tenha um ritmo próprio: ao mesmo tempo interiorano e atravessado por referências de fora.

E é assim que Itaperuna vai se organizando. Entre o trabalho, o estudo, o ir e vir das ruas do centro e uma cidade que nunca parece parada de fato, mesmo quando tudo parece comum à primeira vista.

> **Válber:** 1,80m de altura, moreno, olhos castanhos claros, cabelos pretos já começando a ficar branco, em função já do tempo, não tem jeito. Fisicamente, vamos dizer assim, já fui mais magro, mas depois da pandemia engordei um pouquinho. A pandemia fez a gente engordar um pouquinho e basicamente a minha estrutura é essa.

**Samara Costa:** Itaperuna fica quase no encontro de três mundos. Um lugar que nasce na borda de três influências muito fortes: Minas Gerais, Espírito Santo e o interior do Rio de Janeiro. E essa proximidade não é só uma questão de geografia, ela atravessa o jeito de falar, de viver e até de se reconhecer.

Aqui, a cidade está praticamente "zero quilômetro" de Minas e muito perto do Espírito Santo. Mas também tem o deslocamento. Sair de Campos dos Goytacazes, de onde partimos,  e ir para Itaperuna



muda tudo. A capital tem outro ritmo. Outro som e outra lógica. Isso faz com que o olhar de fora também devolva uma imagem: você não é exatamente de lá… mas também não é estranho. É mistura.

> **Válber:** Então, nós aqui, nós temos muito desse sotaque meio mineiro e também puxando um pouquinho para o Capixaba. Então o pessoal fala assim: "você é mineiro?" Não, eu sou de Itaperuna. "Mas você parece mineiro, a sua fala". Então nós temos essa... Porque, qual o grande detalhe? O Rio de Janeiro, na capital, vocês podem ter o S mais chiante, mais... Nós já temos, ele é mais redondo, aquela coisa. A gente é mais "trem".

**Samara Costa:** Essa voz é do Valber Meirelles. O mesmo que se apresentou no início do episódio. Valber é um artista multifacetado.  Ele é poeta, músico, produtor e professor com mais de 130 músicas gravadas. E claro, Itaperunense.

> *>>>> som de sintonização de rádio <<<<*

**Samara Costa:** Na conversa com Valber, uma coisa aparece o tempo inteiro: essa mistura de referências que atravessa a cidade. E isso vai desde o jeito de falar até a música que chega pelas rádios e pela internet. Isso acaba moldando muita coisa no cotidiano. Os hábitos e até o que as pessoas passam a ouvir e produzir artisticamente.

> **Válber:** Hoje existem alguns ritmos que dominam o Brasil inteiro. Por exemplo, de cada 100 músicas tocadas, hoje, 90 dentro desse ritmo sertanejo, esse sertanejo urbano. E os 10%, as outras todas, todas, rock, funk, jazz, blue, o forrozinho, pé-de-serra, o outro tipo de forró, enfim, todos os outros ritmos, 10. Os 90% é dominado pela música hoje chamada sertaneja urbana.

> *>>>> som de sintonização de rádio <<<<*

> *>>>> som de música sertaneja universitária <<<<*

**Samara Costa:** Pra ele, isso influencia diretamente a formação dos novos artistas. Porque, no fim, as referências acabam ficando mais limitadas quando certos estilos e artistas somem dos espaços de circulação. E aí entra uma preocupação importante: como preservar identidade local no meio disso tudo?

> **Válber:** Se você não preservar essa identidade local, é um problema. Você acaba misturando e perde essa característica. E de geração para geração você acaba perdendo mesmo. É da mesma forma o Boi Pintadinho, Mineiro Paulo. Essas atividades culturais que eram características vão sumindo, vão sumindo porque as pessoas vão morrendo, os outros que vêm a geração seguinte não pegam e acaba aquilo morrendo. Porque você tem que passar de uma geração para outra.

**Samara Costa:** Quando a conversa entra no tema da cultura popular, Valber muda até muda um pouco o tom. Dá pra perceber um carinho muito grande por essas manifestações, mas também uma preocupação real com o que vai ficando pelo caminho.

Porque, pra ele, preservar essas tradições hoje virou quase um trabalho de resistência. Não só em Itaperuna, mas em vários lugares do Brasil.

> **Válber:** Antigamente tinha Folia de Reis para todo lado, hoje é quase diminuto, quase não vê



mais. Então nós temos um problema, porque falta, primeiro, é a renovação, a geração celular não está pegando mais, não quer mais saber dessas coisas. Então, nós temos algumas pessoas que ainda tentam preservar, que tentam manter, mas aos poucos isso está se esgotando. Isso é uma pena. É uma pena.

**Samara Costa:** Mesmo assim, ele faz questão de lembrar que ainda existem pessoas tentando manter essas tradições vivas. Gente que continua organizando encontros, ensinando viola, preservando repertórios antigos e puxando essa memória cultural pra frente.

E talvez o principal da fala dele seja isso: entender que cultura local não sobrevive sozinha. Ela precisa continuar sendo vivida, tocada e passada adiante.

**Válber:** Tem um camarada chamado Pedro da Gerais. O Pedro da Gerais juntou mais de 700 violeiros num lugar só lá em Uberlândia. Mais de 700 milhões. Ele está no livro dos recordes. Olha que coisa curiosa! Ele briga incessantemente pela cultura popular. Mas ele briga mesmo pelas cantigas, pelos maracatus, pelas emboladas… Enfim, todos aqueles ritmos mesmo ele tenta preservar Entendeu? Aí ele reclama comigo de vez em quando: "Rapaz, a gente briga, briga, mas não pode desistir".

**Samara Costa:** Antes da música virar composição, ela já aparecia de um jeito mais simples na vida do Valber. Vinha da igreja mas nada muito planejado. O ponto de virada acontece longe de Itaperuna, já no Rio de Janeiro.

*>>>> som de apito de navio <<<<*

É ali, no meio da rotina da marinha militar e da vida dividida em pensões e navios, que a música começa a ganhar outra forma. Ele lembra até hoje do primeiro violão.

*>>>> som de  acordes de violão <<<<*

*>>>> som de mar e onda do mar <<<<*

**Válber:** Aí eu aprendi a tocar Eu morava numa pensão com um amigo chamado Wander, daqui de Itaperuã também, que foi servir com a gente também. Então ele tocava muito bem. Aí o que acontecia? Ele viajava, eu fiquei lá e comprava aquelas revistinhas. Com pouco tempo eu aprendi a tocar. E, com pouco tempo também, eu comecei a colocar as melodias.

**Samara Costa:** Depois de voltar da Marinha, Valber ficou entre dois caminhos: matemática ou letras. No fim, escolheu letras. E é nesse mergulho na literatura que a escrita começa a ganhar ainda mais força. Não só como expressão artística, mas também como ferramenta de criação e até de ensino.

Porque, junto à música, existe uma outra identidade muito forte na trajetória dele: a de professor. Há mais de três décadas em sala de aula, Valber foi misturando essas duas coisas de um jeito muito próprio.

**Válber:** Às vezes eu queria dar uma aula Na aula, interessante, eu criava uma música para aquilo. Eu sou ambientalista. Aí eu quero fazer uma música para despertar as crianças que não podem jogar a luz no chão. Papelzinho no chão, não pode não, não pode não, não pode não. Aí ele estava, entendeu? Então eu fiz assim várias músicas.



**Samara Costa:** E é justamente isso que deixa a trajetória dele tão singular: a arte nunca aparece separada da vida prática. Até as histórias mais simples viram matéria-prima. E muitas vezes é do próprio cotidiano, em Itaperuna, que Valber tira as ideias para criar.

Durante a pandemia, ele começou a escrever inspirado nas histórias inventadas por uma menina vizinha chamada Vitória. Eram personagens imaginários e nomes criados na hora a partir das conversas no portão de casa. Tudo aquilo foi virando história e música aos poucos.

> **Válber:** E ela tinha seis aninhos, a princesinha mora nos fundos. Porque eu moro num apartamento e ela mora nos fundos, na casa dos fundos. Aí ninguém saia de casa e eu descia e ela estava no portão Ela falou assim: "Ô, Ti Valdo! Eu bem tenho um peixinho". "É?" "Ele chama bem salgadinho" "Salgadinho? Mas por que salgadinho?" Aí eu ficava questionando. O outro dia eu falava assim: "Tio valdo, tem bem um galo chamado Neville". É. Aí outro dia: "Tio Valdo…" ela estava com uma lesminha. "Isso aqui é a rainha Canopé". "É Canopé… O que é isso?" Aí eu procurei… "O que é a rainha Canopé?" Eu não descobri. Mas onde você achou isso? "Não achei".

**Samara Costa:** Essas histórias acabaram virando o livro O Reino Encantado da Princesinha Vitória e também um CD com músicas e narrativas inspiradas nesses personagens criados durante a pandemia.

E essa relação entre literatura e música atravessa boa parte da trajetória de Valber. Ao longo dos anos, ele já lançou 12 álbuns, misturando poesia, regionalismo e referências da cultura popular brasileira. Entre eles está Voajante, gravado no Teatro Firjan SESI Itaperuna, onde ele também realiza apresentações com frequência e mantém uma relação próxima com a cena cultural da região.

Além disso, em 2011, Valber conquistou o terceiro lugar no Festival de Música do SESI Rio com a canção João e José, ampliando ainda mais a circulação do seu trabalho para além do Noroeste Fluminense.

E mesmo depois de mais de dez discos lançados, Valber ainda olha pra Itaperuna como um território cheio de possibilidades criativas.

Agora, no processo do décimo terceiro álbum, ele quer mergulhar ainda mais nas referências culturais de Itaperuna, principalmente nas que estão desaparecendo aos poucos.

> **Válber:** O meu décimo terceiro álbum vai ter essa característica. Eu quero uns tambores, eu quero umas coisas meio indígenas. Eu quero umas coisas assim, Mineiro Pau… Eu quero explorar um pouquinho essa coisa que eu ainda não explorei de Itaperuna nesse. Porque isso está sumido, né? Mas eu quero explorar isso aqui. Vai ser bem bacana.
>
> **Junio:** Eu sou um homem negro retinto, tenho os olhos escuros, cabelos escuros curtinhos em micro-locks que estão caindo sobre meus olhos. E eu tenho 1,74 de altura. Dizem que meu sorriso é marcante porque eu tenho os lábios grossos e quando sorri dá uma covinha. É... Eu estou usando duas guias, uma terracota da minha mãe Oya e uma terracota e branco do meu pai Xangô.

**Samara Costa:** Esse é o Junio Nascimento. Assim como Valber, ele foi criado em Itaperuna desde a infância. A relação de Junio com o teatro começa quase no susto. Sem muita referência, sem entender exatamente o que era aquele universo, mas com uma curiosidade que puxava ele pra perto.

Junio conta que era visto como "o inteligente da escola", aquele menino que talvez seguisse um



caminho mais previsível, tipo direito, ciência, alguma profissão tradicional. Mas tudo muda quando os pais assistem ele em cena pela primeira vez.

> **Junio:** E aí ele me viu em cena. Ele virou pra mim e falou: "filho, é isso que você quer fazer, né?" Eu falei: " é, é isso que me deixa feliz". Aí ele falou: então, é isso que você vai fazer. E aí eles me apoiaram desde o começo, assim. Mesmo sem entender muito da realidade que a gente vinha de um lugar que não tinha isso.

**Samara Costa:** Mas, calma. Vamos explicar do começo como isso tudo aconteceu.

> *>>>> som de rebobinar fita <<<<*

**Samara Costa:** A história de Junio com o teatro começa de um jeito bem improvável. Na época, ele trabalhava numa lanchonete, fazia aula de dança num hotel da cidade e ainda não tinha a mínima ideia do que era teatro de verdade.

Tudo muda quando ele encontra a palavra "teatro" por acaso e decide tentar descobrir o que era aquilo. Sem muito acesso à internet e sem nenhuma referência artística próxima, ele e a mãe atravessam Itaperuna procurando o Firjan SESI Itaperuna, onde aconteciam as aulas.

> **Junio:** E na lanchonete, no caixa, eu estava lendo, e aí eu li "teatro". Eu falei, o que é isso?

**Samara Costa:** Chegando lá, Junio conhece Matheus, coordenador do espaço na época, No próximo episódio vocês vão conhecer melhor o Matheus e o trabalho dele no teatro. Foi ele quem apresentou o espaço para Junio e sua mãe. Só que tinha um problema.

> **Junio:** Aí ele foi explicando o que era teatro. Foi me levar no palco, eu subi no palco, só que eu não tinha como pagar, por mais que eu trabalhasse. Aí ele olhou para mim e falou, você quer fazer? Eu falei, quero. Aí ele falou, então eu vou te dar uma bolsa.

**Samara Costa:** Bastou aquele primeiro contato pra alguma coisa começar a mudar. Aos poucos, Junio foi entendendo que o teatro não era só decorar texto ou subir num palco. Tinha a ver com imaginação e principalmente, com a possibilidade de enxergar o mundo de outro jeito.

> **Junio:** Eu estava com com muito medo, assim, de entender o que seria aquilo. Porque na dança você faz o que manda você fazer, então é mais tranquilo, digamos assim. E aí lá já no primeiro dia, improvisação, improvisa. Aí eu lembro uma imagem que era, a cadeira não é uma cadeira, você tem que transformar a cadeira em outra coisa. Aí eu pego a cadeira e coloco nas costas, é uma mochila.

**Samara Costa:** Pode parecer simples, mas talvez tenha sido uma das primeiras vezes em que ele percebeu que podia criar novos sentidos pras coisas. E isso acaba atravessando muito do que o teatro representa depois na vida dele.

Pouco tempo depois veio a primeira peça, construída a partir de sonetos de Vinicius de Moraes. E junto dela, um momento importante dentro da própria família.

Até então, os planos eram outros. Em vários momentos da conversa, Junio volta pra uma pergunta que ainda acompanha ele até hoje: por que o teatro chamou tanta atenção mesmo antes dele saber



exatamente o que era aquilo?

Hoje, olhando pra trás, Junio entende que a resposta talvez nunca tenha sido só sobre palco ou atuação. Pra ele, o teatro também tem a ver com herança cultural. E foi investigando a própria família que ele começou a perceber isso de forma mais profunda.

> **Junio:** E aí, investigando meu avô, por exemplo, ele era palhaço de Folia de Reis. Então eu falei, cara, tem essa ligação que já vem daí, ligação que vem de antes também, de uma coisa que eu não sei explicar, mas que é ancestral, que é nossa.

**Samara Costa:** A folia de reis é uma manifestação popular muito tradicional em várias regiões do Brasil, especialmente no interior. Mistura música, teatro, religiosidade e performance em cortejos que celebram a viagem dos três reis magos. Os grupos passam pelas ruas cantando, tocando instrumentos e encenando personagens simbólicos.

Em Itaperuna e em outras cidades do Noroeste Fluminense, essa tradição chegou principalmente através das influências mineiras e da circulação de famílias entre Minas Gerais e o interior do Rio.

Durante muito tempo, a folia de reis fez parte do cotidiano das comunidades rurais e dos bairros da região. Entre eles o palhaço da folia, figura marcante que brinca com o público e protege simbolicamente o cortejo. Era justamente essa máscara que assustava Junio quando criança.

> **Junio:** Eu assistia, mas eu tinha muito medo, muito, mas muito medo Porque eu era da igreja, católica, apostólica, romano, orava em língua desde criança. Então, tudo aquilo era visto como coisa do demônio.

**Samara Costa:** O avô tocava pandeiro, cantava, contava histórias e participava da folia de reis da região no grupo Seu Zeca Pedro. Mesmo sem entender ainda, Junio já estava sendo atravessado por aquele universo de arte popular.

E talvez uma das lembranças mais fortes da infância de Junio esteja justamente nessas histórias que o avô contava enquanto tocava pandeiro.

Histórias que ele só foi entender completamente muitos anos depois. Como os Itãs da criação do mundo. Os itãs são histórias da tradição iorubá ligadas aos orixás e às cosmologias de matriz africana. E era através dessas narrativas que o avô apresentava outros mundos possíveis pra ele ainda criança.

Ao longo da conversa, Junio volta várias vezes pra uma sensação que parece atravessar não só a arte dele, mas também a forma como ele enxerga o mundo hoje: a saudade do coletivo em Itaperuna. Há 5 anos morando na cidade do Rio de Janeiro, Junio sente saudades do quintal cheio. Das pessoas chegando sem precisar avisar, das conversas atravessando a noite.

> **Junio:** Porque por mais que você vá no quintal de alguém, não tem a mesma coisa do quintal que tinha antes. Eu acho que é por causa disso que muitos trabalhos meus de teatro, principalmente do infantil, eu tento falar quintal de casa, público perto, não sei o quê. Para ter essa sensação de, tipo, cara, do que eu sentia quando minha família fazia um churrasco. E aí vinha o pessoal da vizinhança sem ser convidado mesmo. Mas estava ali para comer. Ou quando meu avô me colocava do ladinho dele no banquinho tocando o pandeiro, assim, sabe?



**Samara Costa:** No fim das contas, quando Junio fala sobre futuro, ele não fala só da própria carreira. Fala também sobre retorno.

> **Junio:** Porque eu quero criar uma escola de arte nesse lugar e esse é o meu desejo. Então influencia porque eu sei que pode ser que eu não volte lá para morar, mas eu quero voltar para construir. Para que outras pessoas que têm um desejo de arte como eu, mas talvez não teve a possibilidade ou o apoio de sair para poder conseguir fazer, tem a possibilidade de fazer, sabe? Então, esse é o meu desejo, assim, me influenciar nesse lugar de querer que outros jovens que, assim como eu, possam sonhar.

**Samara Costa:** Continuar nunca foi só sobre Junio. Mesmo entrando numa universidade que muitas vezes pode ser um ambiente difícil e hostil pra corpos marginalizados, permanecer ali também virou uma forma de abrir caminho pra sua  própria família.

> **Junio:** Um exemplo é a faculdade. Eu não ia terminar a faculdade, porque a faculdade é um ambiente "ótimo" para pessoas como nós. Mas foi em ver as minhas primas falando, "primo, estou querendo fazer faculdade". Falei, não, então vou terminar, porque aí eu vou mostrar o que se pode fazer. E aí ela entrou. Tem uma que está fazendo direito, outra se formou em pedagogia. Então é muito nesse lugar do que eu posso fazer para possibilitar para o outro é isso.

**Samara Costa:** E talvez exista algo muito simbólico nisso tudo. Porque a trajetória dele começa justamente num espaço cultural, no Teatro da Firjan SESI Itaperuna, que abriu uma possibilidade onde antes parecia não existir nenhuma.

Às vezes tudo começa assim: alguém entrando num teatro sem saber exatamente o que está procurando… e saindo de lá entendendo que existe uma profissão e outros mundos possíveis.

**Samara Costa:** E esse foi o primeiro episódio contado a partir do território de Itaperuna. Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Valber Meirelles e Junio Nascimento, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura.A gente se encontra no próximo ainda em Itaperuna pra conhecer o corre de quem faz arte por lá. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan SESI.
A realização é da Firjan SESI e a produção é da Gandaia.